

Seminário Temático nr. 19 - ANPUH

19	<i>Marcas da Violência – Discursos acerca do Poder, da Exclusão e suas Representações Artísticas (Música, Teatro, Cinema, Literatura e Artes Plásticas): Diálogos entre História e Linguagens.</i>	Arnaldo Daraya Contier (USP /UPM) e Rosangela Patriota (UFU)
-----------	--	---

TEXTO INTEGRAL

Memória dos algozes na Contemporaneidade

ANA MARIA DIETRICH

Doutora em História Social – FFLCH – USP

Docente em História Contemporânea – Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

*Pretendemos analisar a memória dos perpetradores, ou seja, daqueles que vivenciaram de maneira direta ou indireta uma situação que ficou conhecida como trauma; especificamente no contexto do movimento nazista nas décadas de 1930 e 1940 e de suas repercussões na história do tempo presente. Muitos estudos e produções artísticas hoje (HIRSCHBIEGEL, O., *A Queda!* e LITTELL, Jonathan, *As Benevolentes*), ao refletirem sobre o fenômeno do nazismo e do holocausto, trazem novas abordagens ao focar sua análise nos chamados “perpetradores”, tentando anuançar a dicotomia “vítima-algoz”. Neste sentido, as mortes de civis e estupro de mulheres alemãs durante a II Guerra tornam-se variantes importantes para se analisar a tendência atual da “vitimização” do povo alemão. Tendo como base tal pano de fundo, neste trabalho, analisaremos algumas das entrevistas dos criminosos de guerra julgados no Tribunal de Nuremberg feitas pelo psiquiatra Leon Goldensohn com objetivo de detectar as variantes deste discurso. A partir das reflexões de Alexander von Platto, sabemos que a construção desta memória foi permeada por filtros constituídos de emoções como medo, vergonha, ressentimento e mágoa e que, por sua vez, geraram silêncios, deturpações e superdimensionamentos.*

TEXTO

Mesmo com tantos estudos sobre nazismo, poucos ainda se debruçaram sobre a chamada *Memória dos Algozes*, ou seja, o ponto de vista daqueles que perpetraram as ações consideradas crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Ao observar-se a história da população alemã no pós-guerra, percebe-se que hoje se tem mais familiaridade para discutir temáticas que envolvam esta página traumática relacionada ao regime nazista e os crimes por ele perpetrados. Foram várias as tentativas de recuperação da memória das vítimas do holocausto com o recolhimento de depoimentos e também ações memorialistas como a criação de museus, centros de pesquisa e documentação e monumentos com o objetivo de se divulgar e preservar a memória relacionada à II Guerra. Nesta mesma direção, em alguns campos de concentração, como no caso de Dachau, no Sul da Alemanha, foram montados centros de preservação à memória tornando-se possível hoje, se visitar *in loco*, o local onde milhões de vítimas (judeus, homossexuais e ciganos) foram exterminadas em nome da ideologia da pureza da raça.

Dentro deste cenário efervescente de produção cultural, historiográfica e memorialista relacionada ao nazismo, uma nova linha de pesquisa começa a se configurar, aquela que privilegia a visão dos perpetradores deste período da História. Iniciativas individuais como a exibição do filme “A Queda! As Últimas Horas de Hitler” (2003), de Oliver Hirschbiegel, que mostrou um lado “humanizado” do ditador alemão Adolf Hitler e a publicação, na França, do livro *As Benevolentes* (Objetiva, 2007), de Jonathan Littell que revela uma visão analítica de um carrasco alemão fictício sobre o movimento nazista trazem novas reflexões a este cenário. Nesta mesma direção, encontra-se a polêmica em torno do escritor alemão Günther Grass, um importante representante do Teatro do Absurdo, que, após ter ganhado o Prêmio Nobel de Literatura em 1999, declarou ter participado da Juventude Hitlerista e ter lutado na Waffen-SS durante a II Guerra. Publicações sobre a memória de pessoas ligadas diretamente ao grande staff nazista, como a Secretária de Hitler, Traudl Junge, trazem novas visões sobre o ditador alemão.

Esta linha, dentro da historiografia, revela uma nova perspectiva da História, cruzando com as fontes já existentes que privilegiam a versão das **vítimas**. Não se pretende, com isto, exaltar este lado da história, mas sim conhecê-la e analisá-la com seriedade. Até hoje,

entrevistar os personagens ditos como os “perpetradores” da história, mesmo sobre outros temas, como a tortura e o terrorismo, convertia-se sempre em um cenário carregado de tabus. No entanto, o resultado é que a vítima tinha sua versão privilegiada na história. Ouvir o “outro lado” não significa, de nenhuma maneira, acatar este ponto de vista. Neste sentido, faz-se necessário uma postura profissional e de distanciamento da parte do pesquisador.

Nesta nova linha de pesquisa se insere esta pesquisa, que pretende recuperar as memórias de nazistas das décadas de 1930 e 1940. Insere-se na perspectiva da História do Tempo Presente, que por sua vez, está alocada dentro da Nova História, que surgiu na França com os historiadores ligados a Escola dos Annales, como Fernand Braudel, Jacques Le Goff e Lucien Febvre. A História do Tempo Presente busca uma perspectiva contemporânea para refletir e analisar o passado, dentro do preceito principal, enunciado por Benedetto Croce, que toda a História é uma História Contemporânea.

Como pano de fundo da pesquisa, pretende-se recuperar a memória do pensamento de direita e extrema-direita no Brasil a partir da análise de textos de pensadores como Oliveira Vianna, Nina Rodrigues e Silvio Romero cotejando com narrativas de indivíduos diretamente ligados ao nazismo. Temos como hipótese tais pensadores influenciaram uma geração inclusive no Brasil, cujo pensamento entra em consonância com correntes teóricas de cunho totalitário veiculadas na Europa no mesmo período. A divulgação deste ideário fez com que o nazismo não se tornasse de todo estranho ou “exótico” à *intelligensia* brasileira.

Pretende-se entender também, a partir da comparação entre os discursos dos teóricos do nazismo e do racismo e os textos produzidos por tais pensadores brasileiros a partir das últimas décadas do século XIX – quais são os elementos de semelhança entre os dois discursos. O objetivo secundário é entender como se formou a base deste pensamento de direita no Brasil que destacava valores como eugenia e teoria de branqueamento em voga na Europa na mesma época e como marcou este contexto socio-cultural onde as idéias foram difundidas, dificultando a construção de ideais democráticos na história brasileira.

Para fundamentar esta análise, começamos por analisar o conceito de “algozes” e mais especificamente, o que seria chamado de “memória dos algozes”. Para isto, nos fundamentamos nas reflexões de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal. Segundo ela, o nazismo tem seu foco na transformação humana de indivíduos a partir do impacto desta

ideologia. A seu ver, o indivíduo, por estar desarticulado politicamente, se tornaria atomizado. Após a destruição de todos os seus laços com a sociedade, comunidade e família que o circundam, tornaria-se desprovido de identidade, como se fosse apenas um número na massa. Por ser facilmente manobrável, seria capaz de *perpetrar* as piores atrocidades.

O símbolo do atroz nazista foi o funcionário do aparelho nazista Eichmann, um burocrata do regime que carimbou a morte de milhares de judeus. Segundo Arendt, Eichmann não se enquadrava nos padrões de um monstro por tratar o mal de maneira “banal”. Ele se mostrava, ao contrário de um desejo comum, como um indivíduo completamente normal. A essência do terror, segundo a autora, seria justamente esta incapacidade de pensar, que fazia com que sujeitos fossem colocados em uma espécie de jogo de maneira automática, culminando na desumanização da humanidade na qual não haveria limites para a violência, na qual *tudo seria possível*.

Citando Arendt:

Enquanto o isolamento se refere apenas ao terreno político da vida, a solidão se refere à vida humana como um todo. O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas. Mas o domínio totalitário como forma de governo é novo no sentido de que não se contenta com esse isolamento, e destrói também a vida privada. Baseia-se na solidão, na experiência de não pertencer ao mundo, que é um das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter. (ARENDR, 1997, p. 527).

Este indivíduo atomizado perde a relação com a realidade, tornando-se incapaz de distinguir o verdadeiro do falso (SOUKI, 1998, p. 127) e por isto o mal por ele cometido se torna banal. Sentimento parecido é descrito por Elias Canetti em *Massa e Poder*, de uma sensação de que o inimigo pode estar em qualquer lugar, até mesmo dentro de nós.

A massa assemelha-se sempre a uma cidade sitiada – mas duplamente sitiada: o inimigo encontra-se tanto diante de seus muros quanto dos porões. Ao longo da luta ela atrai cada vez mais adeptos (...) A cidade se enche mais e mais de combatentes, mas cada um deles traz consigo seu pequeno e invisível traidor, que depressa se mete em algum porão (...) O sentimento de perseguição da massa nada mais é do que esse sentimento de uma dupla ameaça. Os muros exteriores são estreitados progressivamente, e os porões interiores cada vez mais minados. (CANETTI, 1995).

Neste trecho, Canetti se utilizou de metáforas para conceituar o que seria a massa e o sentimento do terror que tem como principal objetivo a dominação total. Duas imagens são

bastante elucidativas: a dos combatentes carregando dentro de si invisíveis e pequenos traidores e a do porão, lugar escuro, oculto e cheio de mistérios e fantasmas.

Quanto ao conceito de “memória”, utilizaremos os estudos de Maurice Halbwachs sobre memória Coletiva e de Michael Pollack sobre a problematização em torno dos conceitos de memória, silêncio e esquecimento. Além disto, estudos específicos sobre entrevistas com pessoas que sofreram traumas, como o de Alexander von Plato, auxiliarão como fundamentos teóricos desta pesquisa.

Para se continuar a viver, deve-se “esquecer”: esquecer traumas, mágoas, ressentimentos. O esquecido também deve ser um elemento de análise, pois funciona como um filtro do que ficou retido na memória. Ao trabalharmos com a memória dos perpetradores, ou seja, daqueles que vivenciaram de maneira direta ou indireta uma situação que ficou conhecida como trauma, como é o caso da II Guerra Mundial e do movimento nazista, temos que ter em vista sempre isto, ou seja, que a construção desta memória vai estar permeada por filtros por diversas vezes muito rígidos constituídos de emoções:

O processo de seleção do que lembra implica o que se esquece. Assim como temos que aprender a esquecer mágoas, ressentimentos, tristezas, precisamos também, socialmente, esquecer detalhes que atrapalham o desenvolvimento de projetos sociais. Há esquecimentos forçados que podem ser considerados “apagamentos”, ou seja, promoção de censuras que obstaculizam o conhecimento de alguma coisa. A história oral pode atuar nesta direção, permitindo que mediante a memória o conhecimento do passado “proibido” reponte e seja questionado.⁵⁷⁸

BOM MEIHY, José Carlos Sebe, *Manual de História Oral* (4ªed.) São Paulo: Loyola, 2002, p. 67

Segundo Maurice Halbwachs, existiria além da seletividade da memória, um processo de negociação para conciliar a memória coletiva e as memórias individuais. (HALBWACHS, Maurice, 1989). Michael Pollak discordando desta posição, acredita que exista uma memória em disputa marcada pela escolha dos objetos de preferência pelo conflito e competição entre diversas memórias. O processo de esquecimento não pode ser entendido longe das realidades socioculturais em que está envolvido. Pela análise de narrativas de indivíduos ligados ao nazismo, percebemos que o esquecimento vem acompanhado do sentimento de culpa pela morte de judeus e ao mesmo tempo uma intensa resistência em

admitir que eles, como tantos outros alemães comuns, fizeram parte deste processo tão destrutivo. A experiência da guerra, em contrapartida, é por si só traumática.

Isto é evidente, por exemplo, em uma das entrevistas realizadas por mim na Alemanha em 2003, com uma senhora de 90 anos que aqui chamaremos apenas por K. Amiga de diplomatas alemães que estavam na década de 30 no Brasil como o embaixador Prüfer e parente direta do chefe do Partido Nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel, a narrativa desta senhora pode ser chamada de uma anti-narrativa, tal o número de vezes que repete os jargões: “Não lembro”, “não vi”, “não sei”.

O trauma de guerra que K. passou diz respeito à separação dos pais em plena guerra. Segundo sua narrativa, ela teria vindo passar as férias no Brasil em 1939 e ficou impossibilitada de voltar e ver os seus pais devido a eclosão do conflito mundial. Com a mudança de posicionamento do Brasil na guerra, de neutro para posicionado ao lado dos aliados e inimigo da Alemanha, K. teve que deixar o Brasil junto a outros alemães envolvidos com o nazismo. Neste momento, sua narrativa passa por outro trauma, quando narra, quão difícil foi a travessia do oceano Atlântico em direção ao seu país natal. A situação de guerra fazia com que estivesse no ar o sentimento permanente de ameaça de afundamento do navio por parte dos Aliados.

Michael Pollack, ao se referir às vítimas do Holocausto, afirmou que: “Em face desta lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem, elas também, guardar silêncio”. (POLLAK, Michael. 1989). Ele continua o raciocínio afirmando que para se falar deve-se ser ouvido. O esforço mundial de reconstrução do pós-guerra apagou esta escuta, fadando-os ao silêncio. O mesmo pode-se dizer das pessoas que vivenciaram o trauma de guerra. A dificuldade de falar sobre o assunto, além de trazer à tona lembranças incômodas, está ligado à falta de escuta, de ser punido por aquilo que se diz ou ser exposto à vergonha. “A estas razões políticas do silêncio, acrescentam-se aquelas pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais” (Ibidem). Deve-se esquecer para se continuar a viver.

No caso de K., além de esquecer, há também a negativa constante que mostrou uma posição defensiva muito forte. Além de não querer ver sua própria imagem associada ao

nazismo, ela temeu que este passado influenciasse suas relações no presente. Para reforçar sua imagem de “inocente”, K. construiu de si mesma alguém que “não viu, não escutou, não falou”, alguém com total descomprometimento político com a realidade em questão. “Eu somente me divertia” (em alemão o verbo amüsieren tem uma conotação bastante forte, não é apenas uma simples diversão, mas sim, um tempo maravilhoso, sem preocupações, sem problemas, ou seja, descomprometido), justificou, narrando vários eventos como danças, jantares, idas a praia e namoros. O descomprometimento joga o passado político de K., seu contato com o embaixador alemão Prüfer e com o chefe do partido nazista, Hans Henning von Cossel, em um silêncio confortador.

K. não consegue associar o seu passado — na sua opinião tão inocente, repleto de festas, piqueniques, namoros — com as atrocidades perpetradas pelo III Reich contra minorias como os judeus. Como parte de uma elite — a dos diplomatas — ela não participava politicamente do processo, apesar de acompanhar as reuniões festivas e comemorações. Além disto, ficava à parte por ser mulher em um partido onde as mulheres desempenhavam sempre funções auxiliares. Portanto, quando ela fala que não é nazista, é porque ela não consegue ligar o nazismo dos diplomatas alemães no Brasil com o nazismo do Holocausto. Espantada ao ver a inegável constatação, que ambos eram a mesma coisa, ela prefere negar.

Quanto aos pensamento de intelectuais brasileiros de tendências direitistas, não se pode deixar de considerar que teorias de eugenia vigentes na Europa encontraram eco no pensamento brasileiro nacional. A partir das três últimas décadas do século XIX, com o fim da escravidão e início da república, intelectuais como Oliveira Vianna, Nina Rodrigues e Silvio Romero dedicaram-se à questão da formação da identidade nacional brasileira. Os intelectuais brasileiros tiveram que adaptar, segundo nossos modelos, as teorias européias:

A importação destas teorias científicas européias para uma sociedade como a brasileira, diferente racial e geograficamente da Europa, não só não eliminava o problema racial no Brasil, como legitimava uma postura racista já transparente no pensamento romântico ao apontar para o fato de que a mistura de raças e a qualidade de solo e clima eram os grandes empecilhos para o desenvolvimento e a civilização do país. Estas teorias

acabaram por definir quais os grandes determinantes de nossa identidade nacional: a raça e o meio.¹

Sílvia Romero, da Escola de Recife, desenvolveu uma teoria nos anos 70 do século XIX na qual aceitou a máxima do “mestiço como tipo nacional”.² Segundo ele, a cultura brasileira era formada como um reflexo do processo de miscigenação no qual são fundidas as três raças do branco, negro e índio, um dos pilares do mito da democracia racial no Brasil. Ao lado de Oliveira Vianna, Romero defendeu que sucessivos casamentos do mestiço nacional com imigrantes “brancos” promoveriam o branqueamento dos brasileiros e o conseqüente progresso do seu povo.³ Assim, este mesmo Brasil caracterizado por estes intelectuais como multirracial, buscava nas teorias de branqueamento a formação de um homem nacional brasileiro.

Autores que defendiam o evolucionismo social, como Sílvio Romero, apesar de defender o branqueamento da raça com a colaboração dos imigrantes europeus, viam vários aspectos negativos na presença de alemães no Brasil. Eles se concentravam em uma região específica do País, o Sul e falavam sua língua de origem, além de terem imigrado de uma maneira desordenada ao Brasil. Tais aspectos poderiam ocasionar conflitos políticos regionais cujo maior perigo seria criar no Sul do Brasil uma colônia alemã independente.⁴ A solução encontrada por Romero é que os alemães se espalhassem pelo Brasil e, junto a imigrantes portugueses que garantiriam a unidade lingüística, fariam no País uma nova população.⁵

Propostas da pesquisa

Para o embasamento metodológico das entrevistas deste projeto, pretendo utilizar os preceitos concebidos por José Carlos Sebe Bom Meihy em seu *Manual de História Oral* (MEIHY, 2005). Assim, os entrevistados não serão visto como objeto

¹ A autora dedica um subcapítulo para a análise das discussões sobre raça no Brasil. SANTANA, Nara. *Associações nazistas no Brasil (1938-1945)*. Dissertação de Mestrado. Niterói (RJ): Universidade Federal Fluminense, 1999, p. 121 a 131.

² SCHWARCZ, op. cit., p. 177.

³ BREPOHL, Marionilde Dias. *Pangermanismo e nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1998, p. 58, 59.

⁴ BREPOHL, M. D., op. cit., p. 59.

⁵ SCHWARCZ, op. cit., p. 174.

da pesquisa, mas como sujeitos. Eles ganham o status de colaboradores. As entrevistas, para Meihy, não se fundamentam individualmente, mas dentro de um projeto que privilegiará a formação de redes a partir da configuração de uma comunidade de destino e uma colônia. Também preza-se pela devolução das entrevistas, ou seja, todo projeto de história oral, pela sua dimensão pública, deve ter um retorno para a comunidade dentro da qual foi gerado.

Nesta pesquisa, no entanto, nossa reflexão se dará em torno de entrevistas de colaboradores que tenham sua história ligada direta ou indiretamente (no caso de familiares) ao nazismo. Outros grupos em potencial como assassinos, psicopatas, *serialkillers*, homens que maltratam suas esposas e filhos, pessoas que maltratam animais, criminosos de todas as espécies e torturadores não serão alvo desta reflexão.

Esta pesquisa se dará como continuidade ao meu projeto de Mestrado⁶ e Doutorado⁷ que tinham como objetivos centrais a análise do partido nazista, respectivamente, no estado de São Paulo e no do Brasil.

Bibliografia

AQUINO, Maria Aparecida., “A América vai a guerra”. In: *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico* (org. Osvaldo Coggiola). São Paulo: Xamã: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, 1995.

Arbeitstagung der Politischen Leiter/ Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei / Auslands-Organisation. - Erlangen, 1935-1935

ARENDDT, Hannah, *As Origens do Totalitarismo, Anti-Semitismo, Imperialismo e Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENZ, Wolfgang (Hrsg). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. München, 1997.

_____. *Antisemitismus in Deutschland. Zur Aktualität eines Vorurteils*. München, 1995.

_____. *Geschichte des Dritten Reiches*. München, 2000.

⁶ DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da polícia política*. São Paulo: Imprensa Oficial, Humanitas, FAPESP, 2007.

⁷ DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil*. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

_____. *Überleben im Dritten Reich*.

BREPOHL, Marionilde Dias, *Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil*, Campinas: UNICAMP, tese de doutorado, 1993.

_____, *Pangermanismo e Nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, 1998.

CAMARASA, Jorge. *Odessa al Sur. La Argentina como refugio de nazis y criminales de guerra*. Buenos Aires: Ed. Planeta, 1995.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, *Holocausto. Crime contra a Humanidade*. São Paulo: Ática, 2000. (Col. História em Movimento).

_____, *O Anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*, 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

_____, *Brasil, Um Refúgio nos Trópicos. A trajetória dos Refugiados do Nazi- Fascismo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.

CARONE, Edgard, *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo, DIFEL, 1973.

_____, *A Terceira República (1937-1945)*. DIFEL: Rio de Janeiro, 1976.

_____, *O Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo, DIFEL, 1977.

CORSI, Fr. Luís, *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo, FAPESP/ UNESP, 2000.

COSSEL, Hans Henning von. *Polistisches Auslandsdeutschtum*. Ponta Grossa (PR), 1933.

CURY, C. R., “A propaganda”. In *Ideologia e Propaganda Política*. São Paulo: E. Loyola, 1982.

DIETRICH, Ana Maria, *Caca às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo, Imprensa Oficial / Humanitas / FAPESP, 2007.

_____. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

_____. “A serviço do Reich: Deutscher Morgen, o jornal oficial do partido nazista no Brasil” In: *Revista Histórica*. Arquivo do Estado de São Paulo. No. 8, set/out/nov 2002.

_____, BISAN, Eliane, PERAZZO, Priscila, *Inventário Deops – Alemanha* (org. Maria Luiza Tucci Carneiro). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1997.

_____, “Imigração Suíça e Protestantismo no Século XIX”. In: *Imagens de São Paulo: Gaensly no Acervo da Light (1899-1925)* (org. Vera Maria de Barros Ferraz). São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2001.

_____, SANTOS, Ana Paula, MOTTA, Deborah, “Marianita Del Moro e o Jornal Fanfulla” In: Revista Memória Energia no. 28, 2001. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2001.

DUTRA, Eliana, *O ardil totalitário – Imaginário Político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

Feixe e Prisma: uma revisão do Estado Novo (organização: José Luiz Werneck da Silva). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FERNANDEZ ARTUCIO, Hugo, *The Nazi Underground in South America*. New York, 1942.

GARCIA, Nelson Jahr, *Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política, a legitimação do Estado autoritário perante as classes subalternas*. São Paulo, Loyola, 1982.

GERTZ, René Ernaini, “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial”. In: GERTZ, René E.;PADRÓS, Enrique Serra; RIBEIRO, Luiz Dario (orgs). Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón. Porto Alegre: Folha da História - CD-AIB/PRP - Livraria Palmarinca Editora, 2000.

GIUDICI, Ernesto, *Hitler Conquista America*. Buenos Aires, 1938.

GOULART, Silvana, *Sob a verdade oficial: Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HALBWACHS, Maurice apud POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

HARMS-BALTZER, Käte, *Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen 1930-1938*. Berlin, 1970.

JACOBSEN, Hans-Adolf. *Nationalsozialistische Außenpolitik (1933-1938)*. Berlin, 1968.

LESSER, Jeffrey, *Immigration and Shifting Concepts of National Identity in Brazil*. In: Luso-Brazilian Review 31 (1994) 2, p. 27-48.

_____, *O Brasil e a Questão Judaica. Imigração, Diplomacia e Preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LEVINE, Robert, *O Regime de Vargas, os anos críticos 1934-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MEIHY, José Carlos. *Manual de História Oral* (5ª. ed). São Paulo: Loyola, 2005.

MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes, *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996.

_____, *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro*. Technische Universität zu Berlin – Fachbereich Geschichte. Zentrum für Antisemitismusforschung, 2001.

MORAIS, Fernando, *Olga*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985.

MÜLLER, Jürgen, *Nationalsozialismus in Lateinamerika : die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko, 1931 – 1945*. Stuttgart : Heinz, 1997.

OLIVEIRA, Lucia Lippi e outros. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PLATO, Alexander. *Competição entre as vítimas. História Oral: desafios para o Século XXI*. São Paulo: Fio Cruz, 2000.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Associações Nazistas no Brasil (1938-1945)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense (Niterói - Rio de Janeiro), 1999.

SEITENFUSS, Ricardo Antônio Silva, *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930/1942: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Nacional, Brasília: Fundação Pró-Memória, 1985.

_____, *A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*,

SPENCER, R. e BARROS, Maciel de, *O fenômeno totalitário*, Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1990.

TOTA, Antonio Pedro, *O Estado Novo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____, *O Imperialismo Sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WIAZOVSKI, Taciana, *Bolchevismo e Judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. São Paulo: IMESP, 2001.

WILLEMS, Emilio, *Assimilação e Populações Marginais no Brasil: Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Nacional, 1940.

_____, *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo, Nacional, Brasília, INL, 1980.